

PATRICK MODIANO

# O HORIZONTE

Tradução de Isabel St. Aubyn

Nos últimos tempos, Bosmans pensava em certos episódios da sua juventude, episódios sem continuação, cortados cerce, rostos sem nome, encontros fugazes. Tudo isto pertencia a um passado longínquo, mas como estas breves sequências não estavam ligadas ao resto da sua vida, permaneciam em suspenso, num eterno presente. Não deixaria de se interrogar sobre este assunto, e nunca obteria respostas. Excertos que, para ele, permaneceriam para sempre enigmáticos. Começara a elaborar uma lista, procurando, ainda assim, encontrar pontos de referência: uma data, um local preciso, um nome cuja ortografia lhe escapasse. Comprara um caderno preto, de capa plastificada, que guardava no bolso interior do casaco, o que lhe permitia acrescentar observações em qualquer momento do dia, sempre que uma daquelas recordações fulgurantes lhe acudia ao espírito. Tinha a impressão de se entregar a um jogo de paciência. Mas, à medida que remontava no tempo, experimentava, por vezes, algumas dúvidas: porque seguira aquele caminho e não outro? Porque deixara aquele rosto, ou aquela silhueta encimada por um curioso gorro de pele e segurando pela trela um pequeno cão, perder-se no desconhecido? Apoderava-se dele uma vertigem ao pensar no que poderia ter acontecido e não acontecera.

Estes fragmentos de recordações correspondiam aos anos em que a vida é entrecortada de encruzilhadas e se abrem tantas vias

aos nossos olhos que a escolha se torna difícil. As palavras com que preenchia o caderno evocavam, para ele, o artigo respeitante à «matéria escura» que enviara para uma revista de astronomia. Por detrás dos acontecimentos precisos e dos rostos familiares, sentia perfeitamente tudo o que se tornara matéria escura: breves encontros, reuniões falhadas, cartas perdidas, nomes e números de telefone figurando numa antiga agenda e que foram esquecidos, e aqueles e aquelas com quem nos cruzamos sem sequer nos apercebermos. Como na astronomia, esta matéria escura era mais vasta do que a parte visível da vida. Era infinita. E ele anotava no seu caderno raras e débeis centelhas vindas do fundo da escuridão. Tão débeis, as centelhas, que Bosmans fechava os olhos e se concentrava, à procura de um pormenor inovador que lhe permitisse reconstituir o conjunto, mas não havia conjunto, nada mais do que fragmentos, poeira de estrelas. Gostaria de ter mergulhado naquela matéria escura, de restabelecer um a um os fios quebrados, sim, de voltar atrás para fixar as sombras e ficar a saber mais sobre elas. Impossível. Restava, portanto, encontrar os apelidos. Ou mesmo os nomes próprios. Serviam de ímanes. Traziam à superfície impressões confusas difíceis de esclarecer. Pertenciam à fantasia ou à realidade?

Mérovée. Um nome ou um apelido? Era preferível não se concentrar muito no caso, não fosse a centelha extinguir-se definitivamente. Procedera bem ao apontar a palavra no caderno. Mérovée. Fingir que estava a pensar em outra coisa. A única maneira de a recordação se definir por si mesma, muito naturalmente, sem ser forçada. Mérovée.

Caminhava ao longo da avenue de l'Opéra, pelas sete horas da noite. Seria por causa da hora, naquela zona próxima dos Grands Boulevards e da Bolsa? Aparecia-lhe o rosto de Mérovée. Um jovem de cabelo louro encaracolado, com um colete. Via-o mesmo vestido de *groom* – um desses *grooms* à entrada dos restaurantes ou na receção dos grandes hotéis, com um ar de crianças precocemente envelhecidas. Também ele, o tal Mérovée, tinha o rosto enrugado apesar de ser jovem. Esquecemos as vozes, dizem. E, no entanto, ainda ouvia o timbre da sua voz – um timbre metálico, um

tom precioso para dizer insolências ao jeito de um rapazelho ou de um *dandy*. E depois, bruscamente, um riso de velho. Era para os lados da Bolsa, pelas sete horas da noite, à saída dos escritórios. Os empregados dispersavam em grupos compactos, e eram tão numerosos que empurravam os transeuntes nos passeios e os envolviam no mesmo fluxo. O tal Mérovée, acompanhado por mais duas ou três pessoas que saíam do edifício. Um rapaz anafado de pele branca, inseparável de Mérovée, bebia todas as suas palavras com um ar assustado e ao mesmo tempo extasiado. Um louro de rosto magro usava óculos escuros e anel de brasão e mantinha-se geralmente em silêncio. O mais velho devia ter cerca de trinta e cinco anos. O seu rosto era ainda mais nítido na recordação de Bosmans do que o de Mérovée, um rosto redondo, um nariz pequeno que lhe conferia um ar de bulldogue emoldurado pelo cabelo castanho penteado para trás. Nunca sorria e mostrava-se muito autoritário. Bosmans julgara compreender que seria ele o chefe de escritório. Dirigia-se-lhes num tom sério como se estivesse encarregado da sua educação e os outros, bons alunos, o ouvissem. Mérovée só de vez em quando se permitia uma observação insolente. Dos outros membros do grupo, Bosmans não se lembrava. Sombras. O mal-estar que lhe causava aquele nome, Mérovée, reencontrou-o quando lhe ocorreram três palavras: «Bando da Alegria.»

Numa noite em que, como habitualmente, esperava Margaret Le Coz em frente do edifício, Mérovée, o chefe de escritório e o louro de óculos escuros tinham sido os primeiros a sair e encaminharam-se para ele. O chefe de escritório perguntara-lhe à queima-roupa:

– Quer fazer parte do Bando da Alegria?

E Mérovée fizera soar o seu riso de velho. Bosmans não soubera o que responder. Bando da Alegria? O outro, semblante sempre grave, olhar duro, dissera: «Somos nós, o Bando da Alegria», e Bosmans achara a explicação cómica, por causa do tom lúgubre do interlocutor. Mas, naquela noite, olhando para os três, imaginou-os apoiados em pesadas bengalas, ao longo dos *boulevards*, e, de vez em quando, atingindo um transeunte por descuido. E, em todas essas ocasiões, o riso frágil de Mérovée. Respondeu-lhes:

– Quanto ao Bando da Alegria... deixem-me pensar.

Os outros mostraram-se decepcionados. No fundo, mal os conhecia. Não estivera na sua presença mais de cinco ou seis vezes. Trabalhavam no mesmo escritório que Margaret Le Coz e fora ela quem lhos apresentara. O moreno com cara de buldogue era seu superior e devia mostrar-se amável para com ele. Num sábado à tarde, Bosmans encontrara-os no boulevard des Capucines, Mérovée, o chefe de escritório e o louro de óculos escuros. Saíam de um ginásio. Mérovée insistira para que tomasse «uma bebida e comesse um bolinho de amêndoa» com eles. Dera consigo do outro lado do *boulevard*, sentado a uma mesa do salão de chá La Marquise de Sévigné. Mérovée parecia deleitado por os ter arrastado para aquele estabelecimento. Interpelava uma das empregadas de mesa, como um cliente assíduo, e pedia numa voz incisiva «chá e bolos de amêndoa». Os outros dois olhavam-no com uma certa indulgência, o que surpreendera Bosmans em relação ao chefe de escritório, habitualmente tão severo.

– Então, quanto ao Bando da Alegria... já tomou uma decisão?

Mérovée fizera a pergunta a Bosmans num tom seco e este procurava um pretexto para se levantar da mesa. Dizer-lhes, por exemplo, que precisava de ir telefonar. Afastar-se-ia da sua companhia. Mas pensava em Margaret Le Coz, que era colega de escritório deles. Arriscava-se a encontrá-los de novo, todas as noites, quando fosse buscá-la.

– Então, agradar-lhe-ia ser membro do nosso Bando da Alegria?

Mérovée insistia, cada vez mais agressivo, como se quisesse provocar Bosmans. Dir-se-ia que os outros dois se preparavam para seguir o combate de boxe, o moreno de cara de buldogue com um leve sorriso, o louro impassível por detrás dos óculos escuros.

– Sabe – declarou Bosmans numa voz calma –, depois do internato e da caserna, não aprecio muito grupos.

Mérovée, desconcertado pela resposta, esboçara o seu sorriso de velho. Falavam de coisas diferentes. O chefe de escritório, numa voz grave, explicara a Bosmans que frequentavam o ginásio duas vezes por semana. Praticavam diversas modalidades, entre as quais o boxe francês e o judo. E havia mesmo uma sala de armas com um professor de esgrima. E, aos sábados, inscreviam-se para um *cross* ou para uma corrida na pista de atletismo no Bois de Vincennes.

– Devia praticar desporto connosco...

Bosmans tivera a impressão de que o outro lhe dava uma ordem.

– Tenho a certeza de que não pratica desporto suficiente...

Fixava-o nos olhos e Bosmans tinha dificuldade em sustentar aquele olhar.

– Então, vem praticar desporto connosco?

O rosto largo de buldogue iluminava-se num sorriso.

– Concorda com um dia da próxima semana? Inscrevo-o na rue Caumartin?

Desta vez, Bosmans não soube o que responder. Sim, aquela insistência recordava-lhe os velhos tempos do internato e da caserna.

– Há pouco, disse-me que não gostava de grupos? – perguntou-lhe Mérovée numa voz aguda. – Prefere com certeza a companhia de Mlle Le Coz?

Os outros dois pareceram embaraçados com a observação. Mérovée conservava o sorriso mas, ainda assim, parecia temer a reação de Bosmans.

– Com certeza, é mesmo isso. Tem razão, sem dúvida – respondeu calmamente Bosmans.

Deixara-os no passeio. Afastavam-se entre a multidão, o chefe de escritório e o louro de óculos escuros caminhando lado a lado. Mérovée, ligeiramente atrás, voltou-se e acenou-lhe com a mão. E se a memória o estivesse a trair? Fora, talvez, numa outra noite, às sete horas, em frente do prédio de escritórios, quando aguardava a saída de Margaret Le Coz.

Alguns anos mais tarde, pelas duas horas da madrugada, atravessava de táxi a rotunda onde se cruzam a rue du Colisée e a avenue Franklin-Roosevelt. O motorista deteve-se no sinal vermelho. Mesmo em frente, junto ao passeio, viu um indivíduo imóvel, muito hirto, trajando uma capa curta preta, calçando sandálias sem meias. Bosmans reconheceu Mérovée. Rosto mais magro, cabelo muito curto. Estava de sentinela e, à passagem de cada viatura, esboçava um sorriso. Ou antes, um ricto. Dir-se-ia que se oferecia a clientes de além-túmulo. Era uma noite de janeiro particularmente fria. Bosmans sentiu vontade de se lhe juntar, falar

com ele, mas pensou que o outro não o reconheceria. Ainda estava a vê-lo, através da janela de trás, e até a viatura dar a curva no Rond-Point. Não conseguia deixar de fixar aquela silhueta imóvel, de capa preta, e lembrou-se bruscamente do rapaz gordo de pele branca que tantas vezes acompanhava Mérovée e parecia admirá-lo muito. Que teria sido feito dele?

Havia dezenas e dezenas de fantasmas daquele género. Impossível nomear a maior parte deles. Assim, limitava-se a apontar uma vaga indicação no caderno. A rapariga morena da cicatriz, que se encontrava sempre à mesma hora na linha Porte-d'Orléans/Porte-de-Clignancourt... Em geral, era uma rua, uma estação de metro, um café que ajudava aqueles fantasmas a emergir do passado. Lembrava-se da mendiga de gabardina, porte de antigo manequim, com quem se cruzara várias vezes em bairros diferentes: rue du Cherche-Midi, rue de l'Alboni, rue Corvisart...

Surpreendera-o que, entre os milhões de habitantes que contava uma grande cidade como Paris, fosse possível cruzar-se com a mesma pessoa, ao cabo de longos espaços de tempo, e sempre num local muito distante do precedente. Pedira a opinião de um amigo que fazia cálculos de probabilidades consultando números do jornal *Paris Turf* dos últimos vinte anos para apostar nas corridas. Não, não havia nenhuma resposta. Então, Bosmans pensara que o destino, às vezes, insiste. Cruzamo-nos duas, três vezes com a mesma pessoa. E, se não lhe dirigimos a palavra, pior para nós.

O nome da empresa? Qualquer coisa como «Richelieu Interim». Sim, digamos: Richelieu Interim. Um grande edifício da rue du Quatre-Septembre, outrora sede de um jornal. Uma cafetaria no rés do chão, onde se encontrara duas ou três vezes com Margaret Le Coz porque o inverno, nesse ano, fora rigoroso. Mas preferia esperar por ela na rua.

Na primeira vez, subira para a ir buscar. Um enorme elevador de madeira clara. Preferira a escada. Em cada piso, nas portas de dois batentes, uma placa com o nome de uma empresa. Tocara à campainha da que indicava Richelieu Interim. A porta abriu-se automaticamente. Ao fundo da sala, do lado de lá de um balcão

encimado por um vidro, Margaret Le Coz estava sentada a uma das secretárias, como outras pessoas à sua volta. Bosmans batera no vidro, ela levantara a cabeça e acenara-lhe para que a aguardasse em baixo.

Mantinha-se sempre um pouco afastado, na beira do passeio, para não ser envolvido pelo fluxo dos que saíam do edifício à mesma hora, enquanto retinia uma campainha estridente. Nos primeiros tempos, reudara não a distinguir no meio da multidão, e propusera-lhe que usasse uma peça de vestuário graças à qual pudesse identificá-la: um casaco vermelho. Tinha a impressão de esperar alguém à chegada de um comboio, alguém que importa reconhecer no meio dos viajantes que passam. Ao fundo, os retardatários que descem da última carruagem, levam-nos a não perder a esperança.

Margaret Le Coz trabalhara durante cerca de quinze dias numa dependência da Richelieu Interim, não muito longe, perto de Notre-Dame-des-Victoires. Ele esperava-a, também ali, às sete horas da noite, na esquina da rue Radziwill. Vinha sozinha quando saía do primeiro edifício à direita e, ao vê-la caminhar na sua direção, Bosmans pensara que Margaret Le Coz não corria o risco de se perder na multidão – um receio que o assaltava em certos momentos, desde o primeiro encontro.

Naquela noite, em redor da place de l'Opéra, tinham-se reunido manifestantes frente a uma fila de CRS<sup>1</sup> que formavam uma cadeia ao longo do *boulevard*, aparentemente para proteger a passagem de um cortejo oficial. Bosmans conseguira esgueirar-se pelo meio da multidão até à entrada do metro, antes da carga da polícia. Mal descera os primeiros degraus quando, atrás dele, começaram a refluir manifestantes que empurravam os que os precediam nas escadas. Perdera o equilíbrio e arrastara à sua frente uma jovem de impermeável, ficando os dois encostados à parede, sob pressão dos outros. Ouviam-se sirenes da polícia. Estavam quase a sufocar, quando a pressão aliviou. A multidão continuava a escoar ao longo

---

<sup>1</sup> CRS (Companhias Republicanas de Segurança) – Polícia de choque encarregada da manutenção da ordem. (*N. da T.*)

das escadas. Hora de ponta. Entraram juntos para uma carruagem. A rapariga ferira-se contra a parede e sangrava da arcada superciliar. Saíram duas estações mais adiante e ele levava-a a uma farmácia. À saída da farmácia, caminharam lado a lado. Ela levava um penso na arcada superciliar, e ele ostentava uma mancha de sangue na gola do impermeável. Uma rua calma. Eram os únicos transeuntes. Anoitecia. Rue Bleue. Este nome parecera irreal a Bosmans. Perguntara-se se não estaria a sonhar. Muitos anos mais tarde, voltara a encontrar-se por acaso naquela rue Bleue, e uma ideia pregara-o ao chão: será realmente verdade que as palavras que duas pessoas trocam no seu primeiro encontro se dissipam no vazio, como se nunca tivessem sido proferidas? E os murmúrios de vozes, as conversas ao telefone dos últimos cem anos? Os milhares de palavras segredadas ao ouvido? Todos os fragmentos de frases tão pouco importantes que são condenados ao esquecimento?

– Margaret Le Coz. Le Coz em duas palavras.

– Mora neste bairro?

– Não. Para os lados de Auteuil.

E se todas estas palavras ficassem suspensas no ar até ao fim dos tempos e bastasse um pouco de silêncio e de atenção para captar os seus ecos?

– Então, trabalha neste bairro?

– Sim. Num escritório. E o senhor?

Bosmans ficou surpreendido pela voz calma, a maneira tranquila e lenta de caminhar, como num passeio, uma serenidade aparente que contrastava com o penso na arcada superciliar e a mancha de sangue no impermeável.

– Oh, eu... eu trabalho numa livraria...

– Deve ser interessante...

O tom era cortês, desprendido.

– Margaret Le Coz, é bretão?

– Sim.

– Então, nasceu na Bretanha?

– Não. Em Berlim.

Respondia às perguntas com uma grande delicadeza, mas Bosmans sentia que não diria muito mais. Berlim. Cerca de quinze

dias mais tarde, esperava Margaret Le Coz no passeio, às sete horas da noite. Mérovée fora o primeiro a sair do edifício. Usava um fato domingueiro – um desses fatos de ombros estreitos confeccionados por um alfaiate da época, chamado Renoma.

– Vai conosco esta noite? – perguntou ele a Bosmans na sua voz metálica. – Organizámos uma saída... Uma *boîte* dos Champs-Élysées... Le Festival...

Proferira «Festival» num tom deferente, como se se tratasse de um local sagrado da vida noturna e parisiense. Bosmans declinara o convite. Mérovée postara-se então à sua frente:

– Estou a ver... Prefere sair com a Boche...

Bosmans tinha por princípio nunca reagir à agressividade dos outros, nem aos insultos, nem às provocações. A não ser por meio de um sorriso absorto. Tendo em conta a sua estatura e o seu peso, o combate seria, na maior parte das vezes, desigual. Além disso, vendo bem, as pessoas não eram assim tão maldosas.

Nessa primeira noite, continuaram os dois a caminhar, ele e Margaret Le Coz. Tinham chegado à avenue Trudaine, uma avenida da qual se costuma dizer que não se sabe onde começa nem onde acaba, porventura por formar uma espécie de enclave ou de clareira e por o trânsito automóvel ser escasso. Sentaram-se num banco.

– Que faz no escritório?

– Trabalho como secretária. E traduzo correspondência em alemão.

– Ah, sim, é verdade... Nasceu em Berlim...

Gostaria de saber por que razão aquela bretã nascera em Berlim, mas permanecia em silêncio. Consultara o relógio.

– Espero que passe a hora de ponta para apanhar o metro...

Esperaram, pois, num café em frente do Liceu Rollin. Bosmans fora, durante dois ou três anos, aluno interno daquela escola, como de muitos outros internatos de Paris ou de província. À noite, fugia do dormitório e caminhava ao longo da avenida silenciosa até às luzes de Pigalle.

– Prosseguiu os estudos?

Fora por causa da proximidade do Liceu Rollin que lhe fizera a pergunta?

– Não. Não prossegui os estudos.

– Nem eu.

Estranha coincidência aquela, estar sentado em frente dela, naquele café da avenue Trudaine... Um pouco mais adiante, no mesmo passeio, a «Escola Comercial». Um colega do Liceu Rollin, cujo nome esquecera, um rapaz anafado e moreno, que usava sempre botas forradas, convencera-o a inscrever-se naquela «Escola Comercial». Bosmans fizera-o unicamente para adiar a incorporação militar, mas só lá estivera duas semanas.

– Acha que devo conservar o penso?

Esfregava com o dedo a arcada superciliar e o penso, um pouco mais acima. Bosmans aconselhou-a a conservar o penso até ao dia seguinte. Perguntou-lhe se sentia dores. Ela encolheu os ombros.

– Não, não me dói muito... Há pouco, julguei que ia sufocar...

A multidão, na boca do metro, as carruagens a abarrotar, todos os dias, à mesma hora... Bosmans lera algures que um primeiro encontro entre duas pessoas é como um ligeiro ferimento que sentimos e nos desperta da solidão e do torpor. Mais tarde, quando recordava o primeiro encontro com Margaret Le Coz, pensava que aquele encontro não podia ter-se produzido de outra maneira: ali, naquela boca do metro, projetados um contra o outro. Mas, numa outra noite, no mesmo local, teriam descido a mesma escada, no meio da mesma multidão e teriam viajado na mesma carruagem sem se verem... Seria, de facto, assim?

– A verdade é que me apetece tirar o penso...

A jovem tentava puxar pela extremidade do adesivo, entre o polegar e o indicador, mas não conseguia. Bosmans aproximara-se dela.

– Espere... Eu ajudo-a...

Descolava suavemente o adesivo, milímetro após milímetro. O rosto de Margaret Le Coz estava muito perto do dele. A jovem procurava sorrir. Por fim, Bosmans conseguiu retirar o penso completamente, com um gesto seco. Acima da arcada superciliar, a marca de um hematoma.

A mão esquerda de Bosmans pousara no ombro da jovem. Esta fixava-o com os seus olhos claros.

– Amanhã de manhã, no escritório, vão pensar que andei à pancada...

Bosmans perguntou-lhe se não podia pedir dispensa por uns dias, por causa do «acidente». Ela sorriu, aparentemente comovida com tamanha ingenuidade. Na empresa Richelieu Interim ninguém retomava o seu lugar após a mais breve ausência.

Caminharam até à place Pigalle, pelo mesmo caminho que Bosmans seguia quando fugia do dormitório do Liceu Rollin. À entrada do metro, ofereceu-se para a acompanhar a casa. O ferimento não a incomodava demasiado? Não. Além disso, àquela hora, as escadas, os corredores e as carruagens estavam desertos e não corria nenhum risco.

– Vá esperar-me um dia, às sete horas, à saída do escritório – disse-lhe ela na sua voz calma, como se, doravante, fosse uma coisa natural. – É o número 25 da rue du Quatre-Septembre.

Nenhum deles tinha caneta ou papel para apontar o endereço, mas Bosmans tranquilizou-a: nunca se esquecia do nome das ruas e dos números dos edifícios. Era a sua maneira muito própria de lutar contra a indiferença e o anonimato das grandes cidades, e porventura igualmente contra as incertezas da vida.

Seguiu-a com o olhar enquanto ela descia as escadas. E se a esperasse em vão, à noite, à saída do escritório? Ao pensar que poderia não voltar a vê-la, a angústia apoderou-se dele. Procurou, sem sucesso, lembrar-se em que livro estava escrito que todos os primeiros encontros eram como um ferimento. Devia ter lido isso nos tempos do Liceu Rollin.